

**BREVE REFLEXÃO EM TORNO DA TEORIA DE
INCORPORAÇÃO APLICADA ÀS CONSTRUÇÕES
CAUSATIVA E PASSIVA E SUAS IMPLICAÇÕES
SEMÂNTICAS EM CIYAO**

**A BRIEF REFLECTION ON THE INCORPORATION THEORY
APPLIED TO THE CAUSATIVE AND PASSIVE CONSTRUCTION
AND THEIR SEMANTIC IMPLICATION IN YAO LANGUAGE**

**UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA TEORÍA DE LA
INCORPORACIÓN EN EL ANÁLISIS DE LAS EXTENSIONES
CAUSALES Y PASIVAS Y SUS IMPLICACIONES SEMÂNTICAS EN
LA LENGUA YAO**

*Vasco MAGONA**

Resumo: O estudo aplica de forma breve a teoria da incorporação na análise das extensões causativa e passiva e suas implicações semânticas na língua Yao, uma língua do grupo Bantu, falada em Moçambique, Malawi e Tanzânia. O estudo argumenta que, a aplicação das extensões implica ao acréscimo ou perda de lugares mas, também, o incremento de novas propriedades semânticas aos argumentos o que sugere olhar para os papéis temáticos como elementos flutuantes se, se entender que estes podem ser vistos sob duas perspectivas: (i) Lexical e, (ii) Sintáctica.

Palavras-chave: Extensões Verbais. Incorporação. Papel temático. Yao.

Abstract: The study applies briefly the theory of incorporation in the analysis of causative and passive extensions and their semantic implications in Yao language. Ciyao is spoken in Mozambique, Maliwi and Tanzania. The study argues that the application of verbal extensions implies there increase or loss of places, but also the addition of new semantic properties to the arguments that suggesting to see the thematic roles as floating elements, we believe that these can be viewed as lexical or semantics perspective.

Keywords: Verbal Extension. Incorporation. Thematic Roles. Yao

* Assistente Universitário no Departamento de Línguas da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique. Contato: vascosande@yahoo.com.br

Resumén: El estudio discute de forma breve la teoría de la incorporación en el análisis de las extensiones causales y pasivas y sus implicaciones semánticas en la lengua yao, una de las lenguas del grupo bantú, hablada en Mozambique, Malawi y Tanzania. El estudio sostiene que la aplicación de extensiones implica la adición o pérdida de lugares sino también la adición de nuevas propiedades semánticas a los argumentos que sugieren considerar los papeles temáticos como elementos flotantes, puede se creer que éstos tienen dos perspectivas distintas de análisis: (i) lexical y (ii) sintáctica.

Palabras clave: Extensiones verbales. Incorporación. Papel temático. Yao.

Introdução

O presente estudo visa a aplicar, de forma breve, a Teoria de Incorporação na análise das construções causativa e passiva e suas implicações semânticas em Ciyao (P21 na classificação de Guthrie (1967)). Para explicar as implicações semânticas, adoptaremos o conceito de papel temático traduzido por Cançado (2003, 2005). A autora não trabalha com a definição tradicional de papel temático. Acredita que a definição tradicional não abarca propriedades semânticas mais sutis, relevante à descrição gramatical (SILVA, 2009, p 53). Assim, Cançado (2005, citado por da Silva, idem), advoga que,

o papel temático de um argumento, ou seja, a função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir das relações de acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se.

A Teoria da Incorporação foi defendida pela primeira vez, por Mark Baker (1988) na sua obra “*INCORPORATION: A Theory of Grammatical Function Changing*”.

O ponto de partida da Teoria de Incorporação é a palavra simples e a sua relação com a realidade referencial. A teoria postula que as realidades do mundo são associados às formas linguísticas (palavras) de modo simples, na relação de uma para uma.

Esta associação pode ser aprendida pelos falantes quando estes se expõem directamente aos contextos de seu uso. Veja o exemplo em (1):

1. Anusa a-suum-ile n-juva.
NP PC2-comprar-pass PC9-rola
'O Anusa comprou a rola'

A forma linguística *Anusa* é um nome [+humano, +masculino] que executa uma determinada acção e que por isso se transforma em “Desencadeador”; *asuumile* é a acção executada por *Anusa* em que o Desencadeador obtém algo numa troca por dinheiro enquanto *njuva* nome [-humano] que é o objecto da acção executada pelo Desencadeador e por isso desempenha a função de Afectado. Assim, cada argumento nuclear carrega traços semânticos como \pm Desencadeador \pm Afectado, \pm Controle (DA SILVA, 2009, p.12).

A teoria da incorporação defende, então, que esta forma unívoca de associação das palavras às realidades constitui a base da atribuição das funções gramaticais aos elementos que compõem uma frase.

Em (1), atribui-se funções de Desencadeador ao nome *Anusa*, e Afectado ao nome *njuva*. De acordo com Baker (1988, citado por da Câmara, 2014, p. 25),

as funções gramaticais são codificadas de diferentes formas morfológicas de língua para língua mas, a relação gramatical/forma linguística a um princípio universal – o Princípio de Espelho (*Mirror Principle*) que postula: “As derivações morfológicas devem reflectir directamente as derivações sintácticas (e vice-versa). Assim, este princípio estabelece uma relação estrita entre a morfologia e a sintaxe no que diz respeito aos argumentos a que corresponde cada forma morfológica significativa numa frase. Ademais, é a morfologia que determina se o resultado da incorporação numa língua é gramaticalmente aceitável ou não. De tal maneira que, a ordem dos afixos tem implicações na ordem das operações sintácticas.

Baker (1988), mostra que apesar das funções gramaticais como Sujeito/Desencadeador, Objecto/Afectado, serem universais linguísticos, a forma como eles se manifestam varia de língua para língua.

Assim, numa língua como o Latim, as funções gramaticais de Sujeito, Objecto, etc., são expressas pelo sistema de declinação, cada função sendo codificada por um morfema específico correspondente a cada caso (Nominativo, Acusativo, Dativo, Ablativo etc.). Consequentemente, cada caso fica associado a uma determinada função gramatical independentemente da sua ordem na frase.

O enfoque desta comunicação é as construções causativas e passivas e suas implicações semânticas no Ciyao, que são tipos de construções que induzem a mudança de funções gramaticais dos elementos na frase.

Breve Notas Sobre as Extensões Verbais

Tal como em muitas línguas Bantu, as construções causativas e passivas em yao são expressas por morfemas de extensão.

As extensões verbais são morfemas derivacionais que permitem derivar verbos a partir de outros verbos acrescentando-os ao radical verbal para lhe modificar o sentido, a morfologia e, geralmente, alterar-lhe as relações de transitividade (o número de argumentos interno) (NGUNGA, 2014, p. 198).

Ngunga (op. cit.) refere que, a ocorrência de uma extensão verbal com determinado radical depende de determinados factores, quer de carácter semântico, quer de carácter morfofonológico ou ainda de carácter sintáctico. Assim, Ngunga (1999, p. 8), postula os factores que determina a ocorrência de uma extensão verbal com determinado radical de seguinte modo:

- Morfotáctico – sufixo X deve preceder sufixo Y;
- Fonotáctico – sufixo X deve ocorrer (ou não) no contexto fonológico Y;
- Morfossintáctico – cada sufixo age sobre o radical a qual é acrescentado.

Extensão Causativa

A extensão causativa é a que dá a ideia de causar fazer ou causar estar (LODHI, 2002). Ela pode ser expressa de forma directa ou indirecta tal como advoga Good (2005) onde, na causativização

directa, o causador também é Desencadeador dessa mesma acção. Enquanto, a causativização indirecta é marcada através do sufixo causal que transmite a semântica de construções causativas em que o causador da acção não é necessariamente o Desencadeador dessa acção.

Ngunga (1999, p.9), através das formas reconstituídas do Proto Bantu, doravante PB, listou os seguintes alomorfos da causativa em Ciyao:

- (i) Causativa expresso pelo alomorfo **-y-** (PB < *-j-)
- (ii) Causativa expresso pelo alomorfo **-is-y-** (PB < *-ic-j-)
- (iii) Causativa expresso pelo alomorfo **-aas-y-**

As causativas (ii) e (iii) são constituídas de dois morfemas a saber, **-is-y-** e **-aas-y-**, enquanto a causativa (i) é simplesmente **-y-**. A extensão **-aas-y-** é a mais produtiva dos três alomorfos causativos (NGUNGA, idem). Ademais, distribui as extensões acima em causativização directa e indirecta como se ilustra na tabela abaixo:

Tabela 1¹ - Causativização Directa vs Indirecta

Causativização directa	Causativização indirecta
-y- < PB < *-j-	-aas-y-
-is-y- < PB < *-ic-j-	

Ngunga (1999, p.10), notou que, o morfema **-aas-y-** pode se sufixar a todos os radicais causativáveis, e só alguns é que se podem sufixar os morfemas **-y-** ou **-is-y-**. A quase produtividade de **-aas-y-** deriva do facto de este morfema ser usado sobretudo como causador indirecto, enquanto **-y-** e **-is-y-** criam causativização directa.

Os morfemas referidos acima, não são os únicos que indicam a causatividade na língua yao. A estes se acresce o seguinte alomorfo: **-es-y-** como atestam os verbos abaixo:

2. a. Kucota ‘falir’ > kucotesya ‘fazer falir’
- b. Kucokola ‘pillar’ > kucokolesya ‘fazer pillar’
- c. Kusooma ‘estudar’ > kusoomesya ‘fazer estudar/ensinar’

¹ Tabela adaptada de NGUNGA (1999).

d. Kuceenga ‘mudar’ > kuceengesya ‘fazer mudar’

e. kusoma ‘picar’ > kusomesya ‘fazer picar’

O alomorfo *-es-y-* fora referido nos estudos de Sanderson (1922, 1954) e Ngunga, (1988, 2000). A novidade que o presente estudo trás é a ocorrência do alomorfo *-iis-y-* referente a causativização indirecta. A ocorrência deste alomorfo está estritamente dependente da morfofonologia da raiz a qual é sufixado. O alomorfo referido ocorre em raiz do tipo *-CG-* onde *-G-* possui o traço [+palatal] como atesta o dado abaixo em (3):

3. a. Kudya ‘comer’ > kudiisya ‘fazer comer’

b. kupya ‘queimar’ > kupiisya ‘fazer queimar’

Deste modo, acrescido aos alomorfos da tabela 1, teríamos uma tabela resumo dos morfemas causativos distribuídos da seguinte forma:

Tabela 2 - tabela resumo

Causativização directa		Causativização indirecta
<i>-y-</i>	< PB < * <i>-j-</i>	<i>-aas-y-</i>
<i>-is-y-</i>	< PB < * <i>-ic- j-</i>	<i>-iis-y-</i>
<i>-es-y-</i>	< PB < * <i>-ic- j-</i>	

Do ponto de vista sintáctico, as extensões causativas, em Ciyao, alteram a valência do verbo sobre o qual se associa aumentando o número de argumentos seleccionados. Veja os exemplos a seguir:

4.a. Mw-aanace ju-lam-ile. PC1-
criança PD1-sobreviver-pass

‘A criança sobreviveu’

b. A-dookotaala a-n-lam-iy-e mw-aanace.
PC2-médico PD2- PC1-sobreviver-caus-vf PC1-criança

‘O médico salvou a criança’

c. A-dookotaala a-n-lam-isy-e mw-aanace.
PC2-médico PD2- PC1-sobreviver-caus-vf PC1-criança

‘O médico salvou a criança’

d. A-dookotaala a-n-lam-esy-e mw-aanace.
PC2-médico PD2-PC1-sobreviver-caus-vf PC 1-criança

‘O médico fez sobreviver a criança’

5.a. Mw-aanace ju-d-ile ce-embe.

PC1-criança PD1-comer-pas PC7-manga
'A criança comeu a manga'

b. N'-savi ju-n-d-iisy-e mw-aana-gwe ce-embe
PC1-feiticeiro PD1-PC1-comer-caus-vf PC1-criança-poss PC7-
manga
'Que o feiticeiro faça o filho comer a manga'

c. N'-savi ju-n-dy-aasy-e mw-aanagwe ce-embe PC1-
feiticeiro PD1- PC1-comer-caus-vf PC1-criança-poss PC7-manga
'O feiticeiro fará com que o filho coma a manga'

As frases em (4) e (5) mostram que em Ciyao, as extensões causativas podem ser associados a diferentes tipos de verbo, tais como inergativo em (4) e transitivo em (5). Estes provam que as extensões causativas em Ciyao, alteram a valência do verbo sobre o qual se associa aumentando o número de argumentos seleccionados. Observe-se que, antes da aplicação das extensões causativas em (4.a), o verbo inergativo *kulama* 'sobreviver' selecciona um argumento externo *Mwaanace* [+Desencadeador] e, em (5.a), o verbo transitivo *kudya* 'comer' selecciona dois argumentos sendo, um externo *Mwaanace* [+Desencadeador] e, outro interno *ceembe* [Afectado]. Já nas formas causativas directa e indirecta em (4.b-d) e (5.c-d), os verbos visados, a eles, mais um argumento se acrescenta e as propriedades semânticas destes alteram consideravelmente condicionada pela inserção da extensão causativa que, por inerência movimenta o argumento externo passando para interno e no seu lugar é lhe substituído por outro com a propriedade semântica [-Afectado]. Note-se igualmente que, o movimento do argumento externo que a extensão causativa induz, reflecte-se no tipo de propriedades semânticas que o objecto adquire. Isto é, o objecto passa necessariamente a [+Afectado]. Assim, em (4) passa a haver duas acções sendo, uma de experienciar e outra de execução da acção expressa pelo verbo. Enquanto, em (5) passa a haver duas acções, uma de instigar alguém e outra de execução da acção expressa pelo verbo onde teremos os seguintes eventos:

Em (4):

Evento 1

Instigador – Adookotaala [+Desencadeador]

Salvador – adookotaala [+Desencadeador, -Afectado]

Evento 2

Instigado – mwaanace [+Experienciador, -Desencadeador]

Salvado – mwaanace [-Desencadeador, +Afectado]

Em (5):

Evento 1

Instigador – N' savi [+Desencadeador, -Afectado]

Executor –mwaanagwe [+Desencadeador, +Afectado]

Evento 2

Instigado – mwaanagwe [+Afectado]

Executado – ceembe [Objecto, - Afectado]

Em (5) o argumento *mwaanagwe* passa a acumular duas propriedades semânticas, um de [+Desencadeador, +Afectado] (no evento 1) e outro de [+Desencadeador] (no evento 2) ao passo que em (4) o argumento *mwaanace*, denota-lhe as propriedades semânticas de [+Experienciador] e [+Afectado].

Os exemplos acima provam que, na língua yao, as causativas se constituem de dois eventos, ou seja, duas fases. Silva (2009, p.60) refere que, no Português Brasileiro, por exemplo, as duas fases são: a causadora e a causada. A ocorrência da fase causada depende fortemente da presença, num tempo anterior, da fase causadora.

Segundo Bittencourt (2001) citado por Silva (2009, p. 61),

a causatividade é um processo que compreende: i) dois eventos (ou uma situação e um evento) – causador e causado – que podem ser expressos separadamente em duas orações distintas, ou, num evento único, superposto, ou não, a uma relação causativa; ii) dois protagonistas, causador e causado, que, qualificados como [\pm animado], apresentam um grau variável de participação da acção, processo ou acontecimento.

Depois desta análise em torno da causativização, de seguida passamos a analisar a extensão passiva.

Extensão passiva

A extensão passiva é aquela que indica que a acção é sofrida pelo sujeito da frase. Tal como as extensões causativas, Ngunga (1999, p.9), reconstituiu a passiva com base no PB (*-u-), tendo encontrado dois morfemas que expressam tal extensão como ilustra a tabela abaixo:

Passiva 1	Passiva 2
-w- <PB<*-u-	-ig-w-

Com a aplicação da extensão passiva, regista-se uma inversão dos lugares dos argumentos, acontecendo que o Afectado é colocado em posição de foco, passando a argumento externo do verbo, enquanto, o Desencadeador é remetido para uma posição de argumento interno do verbo e colocado em posição final. Outra alteração tem a ver com a partícula genitiva *ni* que passa a associar-se ao Desencadeador para manter a sua função de Desencadeador. Veja os exemplos a seguir:

6.a. M'-baka ju-pim-ile n-yuumba.
PC1-construtor PD1-medir-pass PC9-casa
'O construtor mensurou a casa'

Cf. b. N-yuumba ji-pim-igw-e ni m'-baka.
PC9-casa PD9-medir-Ext.pas-vf gen PC1-construtor
'A casa foi mensurada pelo construtor'

7.a. Baaba a-ku-n-tum-a mw-aanace
øPC-pai PD2-PC15-PC1-ordenar-vf PC1-criança
'O pai ordena a criança'

Cf. b. Mw-aanace ju-ku-tum-w-a ni baaba.

² Tabela adaptada de NGUNGA (1999).

PC1-criança PD1-PC15-ordenar-Ext.pas-vf gen øPC-pai
'A criança é lhe ordenada pelo pai'

Observa-se que, com a extensão passiva é possível omitir o argumento com função de Desencadeador sem que a frase fique agramatical, quando, por qualquer razão, se pretende o Desencadeador da acção expresso pelo verbo. Veja os exemplos a seguir:

8.a. N-yuumba ji-pim-igw-e.

PC9-casa PD9-mansuarar-pass-vf

'A casa foi mensurada'

b. Mw-aanace ju-ku-tum-w-a.

PC1-criança PD1-

PC15-ordenar-pass-vf

'A criança é lhe ordenada'

Assim, pode afirmar-se que a extensão passiva, entre outras alterações, reduz a valência do verbo, ou do número dos argumentos internos.

Esta reflexão tinha em vista fornecer uma base de análise das construções causativas e passivas e suas implicações semânticas enquanto casos de derivação morfológica que se reflecte a nível sintáctico com o aporte da Teoria de Incorporação à luz do Princípio de Espelho. Assim, lexicalmente, cada função gramatical (Sujeito/Desencadeador, Objecto/Afectado, etc.) existe uma forma morfológica correspondente, para dar conta de cada relação referente a cada uma das classes semânticas acima alistadas. Nesta abordagem, estas classes semânticas em que se integrariam os diferentes elementos da frase corresponderiam a papéis ou funções específicas. Deste modo, a Teoria da Incorporação ao defender que a forma unívoca de associação das palavras às realidades constitui a base da atribuição das funções gramaticais aos elementos que compõem uma frase, está querendo justificar que as derivações induzidas pelas construções causativas e passivas não são mais do que a incorporação de novos papéis dentro de uma mesma palavra através da incorporação de morfemas específicos, uma vez que, segundo o Princípio de Espelho, as derivações morfológicas devem reflectir directamente as derivações sintácticas e vice-versa.

Assim, numa construção como:

9. Asiyatu a-ku-wulaga di-joka. NP
PD1-PC15-matar-vf PC5-cobra

‘Asiyatu mata a cobra’

O nome próprio *Asiyatu* transporta o papel Theta de Desencadeador, que lhe é atribuído pela forma verbal *kuwulaga* ‘matar’, enquanto, o nome comum *dijoka* transporta o papel de Afetado. Deste modo, ao incorporar-se outros morfemas no verbo, nomeadamente os morfemas de extensão introduz-se novos papéis Theta, como mostramos acima com os exemplos da causativa e da passiva.

No quadro desta teoria, a palavra é vista como se tratasse um sintagma, com núcleo e espaços vazios que podem ser preenchidos por elementos, através do processo de incorporação. Assim, no caso das extensões verbais, o núcleo seria a raiz verbal com espaços vazios antes e depois desta, os quais estariam predispostos não só a acomodar morfemas derivacionais como ainda aceitar a sua alternância por regras de movimento Move-Alfa como ilustram os exemplos a seguir:

- 10 a. [ku[-]tum[-][-]a] ‘ordenar’
- b. [ku[-]tum[w]a] ‘ser ordenado’
- c. [ku[-]tum[is][y]a] ‘fazer ser ordenado’
- d. [ku[-]tum[is][ig][w]a] ‘fazer ser susceptível de ser

ordenado’

A teoria de incorporação, enquadra-se na corrente da Gramática Generativa, defende que os seus princípios são universais apesar de poder se encontrar parâmetros de variação translinguisticamente. Assim, uma das questões que a teoria levanta tem a ver com a natureza e a extensão ou possibilidade de combinação³ dos morfemas associados aos diferentes papéis Theta a incorporar num predicado/verbo.

Conclusão

A comunicação visava aplicar, de forma breve, a Teoria de Incorporação na análise das extensões causativa e passiva e suas implicações semânticas em *ciyao*. Com efeito, permitiu-nos compreender uma nova perspectiva de análise das línguas naturais. Neste trabalho, observou-se que trata-se de uma teoria considerada

³ Para mais detalhes sobre as possibilidades de combinação dos morfemas, veja NGUNGA, A. (1999). *Restrições na Combinação e Ordem dos Sufixos Verbais em Ciyao*. In Folha Linguística 3. Ed. Simango, Aurélio. Departamento de Linguística e Literatura. UEM. Maputo.

coerente dentro da abordagem do estudo da gramática universal, principalmente no que se refere aos predicados complexos formados por derivação através da incorporação. Observou-se igualmente que a aplicação das extensões implica ao acréscimo ou perda de lugares mas, também, o incremento de novas propriedades semânticas aos argumentos o que sugere olhar para os papéis temáticos como elementos flutuantes se, entendermos que estes podem ser vistos sob duas perspectivas: (i) Lexical e, (ii) Sintáctica.

Bibliografia consultada

BAKER, Mark. **INCORPORATION. A Theory of Grammatical Function Changing**. University of Chicago Press: Chicago, 1988.

CANÇADO, Márcia. Hierarquia Temática: uma proposta para o PB. **Revista Letras**. v. 61, p. 60-62, 2003.

CANÇADO, Márcia. Propriedades semânticas e posições argumentais. **DELTA**, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.

Da CAMARA, Crisófia Langa. **As implicações sintáticas da co-ocorrência das extensões causativas e aplicativas em Nyungwe à luz do Princípio de Espelho**. 2014. 93f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo-Moçambique, 2014. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/laliafro>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

GOOD, Jeff. **Reconstructing Morpheme Order in Bantu: The Case of Causativization and Applicativization**. Germany: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2005.

GUTHRIE, Malcolm. **Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages**. 4 vols. Letchworth UK & Brookfield VT: Gregg International. 1967/71.

LODHI, Abdulaziz Y. Verbal Extensions in Bantu *(The Case of Swahili and Nyamwezi). **Africa & Asia**: Goteborg working paper on Asian and African language and literature, 2, p. 4-26, 2002.

NGUNGA, Armindo. **Restrições na combinação e ordem dos sufixos verbais em Ciyao**. In: SIMANGO, Aurélio. Ed. Folha Linguística 3, DLL/UEM: Maputo, 1999. p. 8-18.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária: Maputo, 2004.

SILVA, Yara Rosa Bruna. **As Causativas Sintéticas no Português do Brasil**: novas evidências a favor da Estrutura Bipartida do VP. 2009. 135 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Belo Horizonte, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG. 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-7U8R2E>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

Anexos

Descrição morfológica das glossas

PC – Prefixo de Concordância

PD – pronome demonstrativo

Pass – Passado

Ext. pas – Extensão Passiva

NP – Nominal Phrase

Vf – Vogal Final

Gen – Genitivo

PB – Proto Bantu

Recebido em: 01 de outubro de 2016

Aceito em: 10 de dezembro de 2016